

Espelho D'água: O olhar mãe-filha-avó (re)construindo memórias durante a gestação.¹

Maria Clícia de Almeida (PPGCS/UFRRJ)

palavras-chave: memória; maternidade; etnografia em casa;

“E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água”. (EVARISTO, 2014.)

Quando me mudei para Seropédica (RJ) ao ingressar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro não pensei que sentiria tanta falta das pequenas coisas vividas grande parte da minha vida no mesmo quintal, no interior de Barra Mansa onde cresci em constante companhia: minha família, minhas tia e sua família, minha vó e vô. Com o decorrer dos anos e a saudade apertando, a necessidade de se reunir a família mesmo após despedidas melancólicas do luto vai-e-vem foi se tornando crescente e algumas tradições passaram a ser uma grande insistência da família para que se mantivessem vivas. As mesas fartas de comida para celebrar datas especiais se tornaram uma destas.

Em maio de 2025, especificamente no segundo domingo do mês, a casa amanhecera com o cheiro de frango no forno característico, o sertanejo tocando alto na casa da minha tia e a grande movimentação no quintal que marcava o preparo aos Dias das Mães. Parecia que as fotos dos álbuns foram animadas e acontecia com cores, sons e cheiros bem à frente dos nossos olhos. Poderia ser tudo igual, exceto por uma mudança do tamanho de uma semente de papoula que germinava em meu útero, transformando aquela data no meu primeiro dia das mães como mãe e inevitavelmente, promovendo minha mãe a avó. Era *quase* tudo igual, mas eu e minha mãe dividimos naquele dia um segredo que

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

mudou o comum gosto da comida, o habitual som das músicas e principalmente nosso olhar uma para a outra.

Antes da gestação penso que nunca encarei minha mãe nos olhos. Não me recordava a cor dos seus olhos que sei que me encaravam com atenção desde o primeiro contato pele a pele pós gestação. Fosse por medo, fosse por desatenção ou até mesmo um egoísmo nutrido secretamente que priorizava olhar a cor de meus próprios olhos em um espelho, mas eu percebi que não me recordava do tom do olhar de minha mãe sob mim. No dia em que contei para ela que estava grávida, a encarei nos olhos e pela primeira vez o que eu vi eram águas que deixavam seus olhos marejados, turvos, molhando suas linhas de expressão e olheiras que marcaram um cansaço vindo de uma vida pouco descanso. Seus olhos molhados, como Espelho d'água, refletiam aos meus e quando a vi assustada com a minha gestação - solo e não planejada - pude me ver também. Foi quando tornei-me mãe que passei a enxergar os olhos de minha mãe e assim também a enxerguei.



Foto de Acervo Pessoal, registro do dia das mães:

Eu, minha mãe, meu irmão e sobrinha.

Após o Acontecimento Urso de Martin (2021) a antropóloga vê seu campo e sua existência se misturar: No momento em que seus olhos encontraram o do urso, da mesma forma em que ela o viu, ela foi vista. Da mesma forma em que o Urso a feriu, ele, por ela, foi ferida. Do ponto de vista dos nativos que a autora convivia para produzir sua pesquisa, Martin foi a fera do urso, como o urso foi a fera para si, o que significava que a partir daquele encontro ela era uma mulher urso, ou seja, ocorrera uma espécie de metamorfose

que modificou sua vida para sempre, justificando não somente seus constantes sonhos com a fera, mas também como era impossível aquele separar aquele acontecimento da antropóloga, da mulher, da fera.

Encarei minha mãe nos olhos e senti nossa identidade misturada por frações de segundos. Revisitei essa lembrança tantas vezes enquanto lia, vivia ou dormia que percebi que a partir daquele encontro estávamos misturadas para sempre. Não era apenas a semente que germinava em mim que me posicionava como mãe, mas era seus olhos - agora de avó - que me impunha tal título mal adaptado a quem eu era. A mãe que eu me tornei a partir daquele olhar, do estranho hibridismo que nos conectou pela primeira vez quando a encarei. Eu me via, a via, não conseguia desver.

Este trabalho surge no encontro entre as minhas memórias e as memórias de minha mãe durante minha gestação. O *tornar-se mãe* entrelaçado ao *tornar-se avó* que carrega lembranças que construíram minha família materna, nossas casas, nosso quintal. DAMÁSIO (2021) apresenta a etnografia em casa como uma etnografia que faz o movimento inverso: não se sai para criar distanciamento de si e se aproxima do campo, acaba-se criando olhando de dentro e a partir das aproximações é que se torna possível a construção da pesquisa.

Tudo costurado neste trabalho partiu de dentro: Uma semente brotando dentro de mim que resultou na necessidade de se cursar uma disciplina remota me possibilitando acompanhar de dentro de casa, onde as discussões ocorridas nas disciplinas acabavam por ser ouvidas por familiares e se tornavam conversas na hora do jantar. Não tardou para que o que era antes um espaço de anotações de aula se tornasse um diário de campo, instrumento que me possibilitou articular teoria e etnografia, desnaturalizando o que antes eu entendia como opiniões dadas sobre o que eu estudo e transformando em discussões dentro de um campo entre uma pesquisadora e sua interlocutora, que coincidentemente, também eram mãe e filha.

Em uma etnografia, costurar sua memória do campo vivido com suas anotações, entrevistas e bibliografias muitas vezes geram textos que parecer-se-iam com relatos catárticos sobre as próprias vivências destes pesquisadores. Talvez discussões metodológicas mais ortodoxas condenem tais práticas e cobrem destes antropólogos certo distanciamento, mas fato é que, desde os clássicos produz-se trabalhos em que a grande missão do antropólogo é a aproximação. Podemos portanto interpretar que grandes jornadas, como as feitas por Malinowski, Geertz e tantos outros, buscavam criar distância de si para se aproximar do campo e do interlocutor. Nesse distanciamento de si, em alguns momentos, *mulheres encontram ursos* e são tão marcadas/os que produz-se aproximações de si, do campo, de interlocutores e não há como separar de suas produções como isso as afetam.



Foto de Acervo Pessoal, registro da primeira ultrassom do bebê.

Durante o primeiro trimestre, os enjoos eram frequentes e o mal estar avassalador. É dito popularmente que é um dos períodos mais difíceis da gestação, mas que o enjoo passa e que tudo se alivia a partir dos três meses. Quando minha mãe percebeu que estava emagrecendo, trouxe à tona sua primeira memória da minha gestação: o quanto ela passava mal. Diferente de mim, até o sexto mês da gestação ela teve enjoos frequentes que só a permitiam comer arroz, limão e tomate. Segundo ela própria: *“Tinha esquecido das partes mais difíceis da gravidez. A gente esquece que passa mal assim, por isso que tem mais de um.”*

Por mais de uma vez, as mudanças de meu corpo e sintomas que a cada semanas ficavam mais nítidos traziam a ela memórias que estavam esquecidas e quando estas eram compartilhadas, não eram na intenção de comparar uma gravidez a outra, mas estabelecer que agora, promovida a avó, os saberes e experiências que possuíam deveriam ser compartilhados assim como quem compartilha valores através das histórias que contam: *“É assim mesmo, muito difícil no começo, pra mim foi até o final! Mas eu me esforçava pra comer porque o bebê precisa, não pode ficar sem comer! Você precisa se esforçar pelo bem de seu bebê.”*

As lembranças antes adormecidas que voltam à tona conforme a mudança da dinâmica entre mãe e filha reforçam o que Halbwachs dizia ao posicionar a memória como uma construção coletiva, não um domínio completamente individual. Como partes de um

quebra cabeça, é necessário de outras peças para que você perceba o que está faltando e um encaixe depende de outro. Assim, é necessário que a memória esteja atrelada a um convívio com uma comunidade afetiva, sendo sua construção atrelada ao convívio social que os indivíduos estabelecem uns com os outros que é construída.

BARROS (1989) em sua pesquisa apresenta os avós nesta construção de memória coletiva como mediadores, responsáveis por serem um elo entre gerações. Com meus avós maternos já falecidos e minha mãe sendo a primeira irmã dos sete filhos a se tornar avó, sua passagem de mãe para avó veio carregada por uma reflexão que estava presente em cada conversa estabelecida entre nós: Ela era a ponte entre o passado, presente e o futuro. Mais que isso, os valores que construíram a nossa família cabia a ela me passar para que eu construísse a minha família.

Houve um momento da minha gestação que passou a ser difícil ouvir os relatos de gestação da minha mãe. Eu sentia que tudo era muito difícil para mim, não conseguia fazer muita coisa, enfrentava riscos e vivia desanimada, mas quando ouvia como foram as gestações da minha mãe, me sentia muito mal pelo que ela passou. Quando o frio chegou e meu corpo já havia mudado demais para que meus casacos e calças servissem, minha mãe apareceu em casa com um conjunto de moletom largo, recém comprado para que eu pudesse usar nas consultas médicas que aconteciam pelas manhãs nebulosas. Contudo, na sua vez, *“Eu era pobre, pobre, pobre de marré deci. Não tinha dinheiro pra comprar roupa e perdi tudo também, sua avó me deu um short e blusa que eu usava, lavava e usava de novo. Sua tia me deu um vestido que ela usou na época em que ela estava grávida e eu usava ele todo mês para ir pro pré-natal. Era só o que eu tinha.”*

Outra vez, quando escolhi a via de parto e a comuniquei sobre meus medos, ela contou que meu nascimento foi um milagre: *“eu passei mal dia vinte e cinco inteiro, quando fui no médico ele me disse que você não ia sobreviver, que era para eu dar um qualquer (dinheiro) para ele que ele me tiraria e pelo menos eu iria parar de passar mal. Seu pai perguntou o que eu queria fazer e eu me neguei, voltei pra casa. No dia seguinte voltei pro médico toda inchada e era o meu obstetra de plantão, ele ficou bravo com o outro médico e disse que antes não, mas agora sim o neném estava correndo risco e eu tive que fazer uma cesária de emergência. Mas aí você nasceu, bem, pequenininha mais saudável, nem ficou internada.”*

Percebi que era dolorido para mim, mas que provavelmente foi bem dolorido para ela também. Até meus vinte e quatro anos de vida minha mãe nunca havia mencionado esta história, pelo contrário, muito me parecia que foi omitida até o momento em que eu me tornei mãe também. Ao debater memórias pela a partir das contribuições de CANDAU (2012) podemos compreender que cada indivíduo é dotado de um mosaico de memórias, norteados a partir da lembrança ou esquecimento do passado e que sempre está a serviço

do futuro. Dentro deste grande quadro de memórias, por mais individual que cada lembrança possa parecer, o autor reforça seu caráter social quando indica que “*a identidade individual e a identidade social são indissociáveis e elas mesmas inseparáveis da memória*” (CANDAU, 2011; 2012, p. 850). Mesmo as memórias autobiográficas, aquelas que temos tendência a interpretá-las como as mais pessoais dentro deste grande mosaico, são coletivas e sociais na medida que percebemos como o ambiente social influencia estas, seja qual for a razão, nossa tendência ao narrar nossas histórias é ajustá-las aos interesses do grupo em que estamos inseridos. Antes, a relação mãe-filha não pedia que a memória do nascimento de Maria narrada por Carmelita fosse contada desse jeito, com estes detalhes. Quando a relação se tornou mãe-avó a história precisou ser narrada de outra forma e assim, a memória cumpria outra função nesta nova dinâmica que era estabelecida em nossa família.

Pensei por muitas vezes que essas histórias doloridas ficavam em algum lugar no seu mosaico onde por muito tempo ela tentou esquecer, mas que a partir do momento em que ela se viu em mim, algo bagunçou a sua organização deste quadro e ela estava revivendo a partir de mim as dores que uma vida tentou esconder. Apesar da narrativa aqui aparentar pequena demais, protagonizada por duas mulheres apenas, parte das dores narradas aqui são sintomáticas quando falamos de mulheres negras, famílias em situação de vulnerabilidade ou a vivência que se compartilha na periferia. Tratando-se de conceitos: maternidade solo, racismo/violência obstétrica, dororidade ² e alguns outros podem ser usados para nomear e explicar parte dos relatos aqui trazidos.

Na primeira vez que fiquei internada dividi um alojamento coletivo com mais três meninas, duas negras - além de mim - e uma branca. Quando busquei reparar nas acompanhantes, não foi uma surpresa perceber que quem desempenhavam o papel de cuidado ali eram mães e irmãs, mesmo para as gestantes em que o genitor era acompanhante fixo e ditos como “presentes” na gestação. Havia também uma gestante sozinha, sem acompanhante algum. Éramos nós em um quarto de quatro mulheres internadas, acompanhada por outras mulheres que coletivamente se organizaram para cuidar de todas que estavam ali. Aos meus olhos-espelhos, todas ali tinham as dores-memórias que o silêncio não abria a porta para que fossem compartilhadas ainda que, provavelmente, fosse ser bem compreendida entre nós. Torcia muito para que ninguém tivesse a coragem de comentar nada, porque não queria me sentir dolorida de novo naquele mesmo lugar em que escutar as histórias de minha mãe me deixava.

Quando a primeira de nós, *Pê*, rompeu o silêncio foi para desabafar do motivo de sua internação: Estava sozinha, sentia que estava próxima do parto e estava com medo por

² Ver em PIEDADE (2018).

não ter ninguém para acompanhá-la em casa. Apesar de estar em um relacionamento com o genitor da criança e dividir a casa com ele, narrou que fez e ainda fazia tudo sozinha, mas em relação ao parto se sentia insegura e preferia a internação ainda que o parto fosse demorar mais alguns dias. Senti um nó na garganta por novamente estar ouvindo relatos difíceis de mulheres que se pareciam demais comigo, mas minha atenção logo foi desviada por uma acompanhante, *Dê*, que narrou a infeliz morte de seu bebê porque foi visitar seu parceiro em uma penitenciária, sozinha e teve um quadro de pressão alta devido o nervosismo de estar sendo colocada naquela situação. Os relatos eram acompanhados de dores, em uma fala que saia sôfrega, quase como se a voz precisasse lutar contra a própria boca para escapar, mas também tinham uma indignação quase palpável com os homens mencionados nas histórias. Eu nutria raiva, indignação e vergonha pelo genitor da minha pequena semente também, não percebi em que momento os relatos me motivaram a falar da minha experiência, mas foi ali no quarto rosa de internação que falei pela primeira vez sobre o abandono e a gestação solo. Para minha surpresa, a primeira resposta que tive foi *“Mas a culpa não é sua”*, seguido de um *“E nem fica com vergonha da sua história. Fala mesmo, fala muitas vezes. Nenhum homem tem vergonha de abandonar o filho!”*.

Falar sobre isso pela primeira vez foi importante porque quando isso saiu pela minha boca, o apoio me voltou como coragem para agir diferente daquele dia em diante. Conversando com minha mãe, mais tarde, descobri que apesar de eu ter um pai bem presente em cada fase da minha vida, ela não teve um marido presente durante a gestação porque ele era alcoolista e passava dias a finco fora de casa bebendo, voltando bêbado e colocando pouco dentro de casa.

Estas memórias guardadas a sete chaves são histórias que se repetem constantemente entre gestantes, mas, apesar de serem tão comuns à realidade brasileira, são memórias pouco narradas e histórias silenciadas. A vergonha era o elemento que as censurava: Eu fugia do assunto porque tinha vergonha de ter sido abandonada, minha mãe não podia comentar sobre sua realidade porque na igreja e na família era uma vergonha assumir que o casamento não estava tão bem assim, *Pê* se envergonhava de não estar sendo acompanhada pelo genitor de sua filha e *Dê* sentia vergonha de perder o bebê porque se doou por uma relação - em suas palavras - unilateral.

Qual minha surpresa ao entender que as memórias envergonhadas eram na verdade memórias silenciadas. Pollak (1989) nomeia como “mal do passado” os traumas históricos profundos que não são apenas difíceis de lembrar, mas também difíceis de dizer. A virada de chave ao entender a característica coletiva das memórias e me questionar: De qual lugar vinha esta vergonha? De onde surgira esse pacto silencioso entre todas nós? E enxergar que a experiência da gestação solo, o abandono paterno, as dores, violências e sobrevivências da maternidade eram experiências que as histórias oficiais talvez não

quisessem ouvir. Conforme segue Pollak, esse mal não apenas funciona como um instrumento da história oficial ser propaganda e não questionada pelos meios institucionais, mas também produz efeito na produção de identidade dos indivíduos, tanto coletivamente quanto de maneira individual, na medida que este silêncio traz consequências psíquicas para estes.

Se a vergonha é um instrumento de tutela, o silêncio que organiza as memórias pode ser entendido como uma estratégia de sobrevivência.

Após a experiência de internação e com o avanço da gestação, os relatos doloridos de minha mãe não me doíam mais tão profundamente. Construímos uma relação em que eu entendia o motivo de sua fala: Para que a vergonha não me silenciasse, para que eu não me sentisse sozinha, para que eu aprendesse a partir de suas experiências e entendesse como uma mãe Almeida era formada, mas principalmente porque depois de tantos anos em que o silêncio a pesava como uma estrutura que a cada dia virava mais um tijolo em cima de seu corpo, ela podia falar. A vergonha não me abandonou por completo, mas não me impediu de viver marcos da minha gestação em celebração e fotografias-registros que passaram a ter o intuito de não silenciar nossa história: Minha e de Marvin José.



Foto de Acervo pessoal, Maria-Mãe. Carmelita-Avó.

A mãe que eu me tornei a partir dos olhos de minha mãe era uma mãe que tinha oportunidade de viver e fazer diferente, ainda que lamentosa e angustiada em alguns momentos. A avó que ela se tornou a partir de meus olhos era uma avó que encontrou nas

brechas uma forma de sobreviver e mudar a história viva quando resolveu me ensinar a fazer diferente, romper ciclos e padrões.

Encarar as dimensões sociais e coletivas da memória é um trabalho que cientistas sociais refletem, às vezes cooperantes, às vezes conflitantes com historiadores quando estudam grandes eventos históricos há um certo tempo. Encarar micro-narrativas, se aproximar de sujeitos para ouvir suas memórias e desprender-se da veracidade das lembranças desses interlocutores é onde mora a potência de perceber que usar memórias como um instrumento metodológico que permite explorar as subjetividades e as margens destes grandes (ou não) eventos históricos.

Articular os conceitos de memória, vergonha e silêncio através de narrativas que partem de dentro de mim (de nós) só é uma possibilidade porque não há desencanação de um pesquisador de seu mundo quando a produção o cobra presença. Há de se refletir os limites e possibilidades das produções antropológicas vistas como autobiográficas, auto etnográficas, mas se estamos narrando histórias que poderiam ser de tantas outras, se constrói mesmo como um trabalho sobre si? Ao fim, no espelho d'água de minha mãe vi nascer as mulheres Almeida em suas dores, afetos e superações enquanto preenchemos (eu e ela) um novo quadro de memórias.

bell hooks quando fala das dominações e das estruturas que se construíram marginalizando certos grupos, sempre apresentou que *para cada dominação há uma possibilidade de resistência*. Torço para que nenhuma história silenciada seja uma sentença de esquecimento eterno, afinal, uma memória coletivamente reprimida escapa em algum momento como forma de resistência, causos, sambas ou desabafos em quartos de hospitais.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Myriam Lins de. Memória e família. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29–42, 1989.

CANDAU, Joel. A memória e o princípio da perda. Diálogos (Maringá), Maringá, v. 16, n. 3, p. 843–872, set./dez. 2012.

DAMÁSIO, ANA CLARA. Isso não é uma autoetnografia! MEDIAÇÕES - REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 27, p. 1-14. 2022.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MARTIN, Nastassja. Escute as feras. São Paulo: Editora 34, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.